

EDITORIAL

Uma ideia corrente no meio acadêmico, conforme sinaliza a crítica literária Monique Nomo Ngamba (2007), trata de categorizar as literaturas africanas em três principais áreas criativas: a chamada literatura oral, ou oratura, reunindo manifestações poéticas e o conjunto de narrativas da tradição transmitidas secularmente; a literatura escrita em línguas vernáculas ou arábicas, incluindo desde os seus registros iniciais, anteriores à presença colonial europeia até a produção mais contemporânea e, por fim, as literaturas escritas em idiomas europeus, nomeadamente o francês, o inglês, o português e o espanhol, adotados como línguas oficiais e de comunicação interétnica em vastas zonas do continente após as independências nacionais, espaço ao qual acrescentaríamos o repertório oral e escrito circulante em idiomas crioulos.

Essa pluralidade linguística aponta para uma diversidade cultural, temática e estilística ainda mais abrangente, em que dicotomias como aquelas estabelecidas entre o Oriente e o Ocidente, o periférico e o central, o rural e o urbano, o factual e o extraordinário, por exemplo, podem ser não apenas revistas como também ressignificadas. Assim, nessas criações, por muitas vezes a arte da palavra é tratada em sua dimensão performática de verbo, voz, silêncio, movimento, encenação, numa simultaneidade de linguagens onde o texto literário escrito pode se inscrever como uma instância intimamente suplementada por outros componentes culturais, a exemplo do teatro, da mímica, do canto, da dança ou da expressão musical.

Seja pela interferência dos idiomas autóctones e de outras línguas estrangeiras, seja pelo particular procedimento de reinvenção linguística e renovação estilística motivado por uma interpenetração cultural cada vez mais ativa e diversificada, o processo de reapropriação da língua do colonizador constitui uma das tendências claramente identificáveis em parte dessas escritas, que já a partir do século XX passaram a experimentar de grande efervescência criativa na busca de autonomia estética. Tal inventiva geraria, por conseguinte, momentos de afirmação positiva e de reconhecimento internacional para essas literaturas, por revelar outros saberes e sentidos de resistência cultural.

Pode-se entender esse reconhecimento no âmbito de embates epistemológicos acessados “do sul” para “o sul” do atual mundo globalizado, o que significa compreender quadros e proposições teóricas nem sempre presentes na ordem do dia quando se trata de perscrutar perspectivas plurais do pensamento pós-colonial. Afirma-se, assim, a existência de uma crítica atual não homogênea e altamente polêmica em tal campo.

O presente dossiê “As literaturas africanas de todas as línguas: saberes e sentidos de resistência cultural” insere-se nesse vasto universo de possibilidades e referências, apresentando uma coleção de estudos que contemplam, ainda que de forma parcial, questões teórico-críticas sobre obras literárias escritas originalmente em línguas portuguesa e inglesa, todas situadas entre os séculos XX e XXI, num recorte que revela textos oriundos tanto do continente africano - sobretudo de autoria angolana, moçambicana, nigeriana e guinéu-equatoriana - como também de sua diáspora nas Américas, nomeadamente a produção brasileira e estadunidense.

Desse modo, abre o presente número o artigo de Denise Nascimento intitulado “Novas identidades sob velhos olhares: reconstruindo a história em *O vendedor de passados*, de José Eduardo Agualusa”, abordando, a partir da representação alegórica do romance enunciado, a constituição da identidade angolana. Com tal enfoque, a autora descortina as relações entre a história e a ficção presentes nessa narrativa literária de Agualusa que, por diferentes perspectivas, denuncia as perversas heranças do passado colonial de Angola. Com proposição aproximada, no que tange a questões entre representações do passado e do presente, no artigo “Literatura e memória em Luandino Vieira e Mia Couto”, Fernanda Maria Diniz da Silva analisa os textos “Estória do ladrão e do papagaio”, de José Luandino Vieira (1977), e “O apocalipse privado do tio Geguê”, de Mia Couto (2013), apontando as mazelas da situação colonial e as consequências da luta de libertação no primeiro e, em relação ao segundo, demonstrando a abordagem crítica de Mia Couto sobre os descaminhos da independência de Moçambique.

Sequencialmente, a obra coutiana é revisitada também por Adriano Carlos Moura em seu artigo “Nacionalismo e hibridismos identitários no romance histórico *Mulheres de cinzas*, de Mia Couto”, no qual analisa, sobretudo, o papel da língua como fundamento de afirmação e, ao mesmo tempo, como elemento de conflito nos processos de construção da moçambicanidade. Ainda no campo da literatura de Moçambique, as autoras Alody Costa Cassemiro e Algemira de Macêdo Mendes apresentam o artigo “Ficção, história e escrita de resistência, em *Dumba Nengue*. Histórias trágicas do banditismo, de Lina Magaia”. Nele, entre outros aspectos, é problematizada a violência da guerra civil que se seguiu à independência a partir da escrita de uma relevante escritora que, entretanto, ainda é relativamente pouco conhecida nos meios acadêmicos brasileiros.

Abarcando outro contexto histórico-cultural, Pamela Raiol Rodrigues problematiza como certas configurações estéticas reverberam questões político-culturais em seu artigo “O cabelo docilizado: uma mazela do neocolonialismo em *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie”, situando a questão no campo da literatura nigeriana. Por seu turno, constituindo contribuição

importante para os estudos da literatura africana em língua espanhola, Luiza Santana Chaves aborda o tema “Literatura infantil em espanhol na Guiné Equatorial: um olhar memorialístico e intercultural”, com um estudo sobre a narrativa infantil *El viaje de Ilombe* (2017), escrito por Alejandra Ntutumu e ilustrado por Lydia Mba.

No âmbito da literatura afro-brasileira, Mariana Janaina dos Santos Alves apresenta o artigo “Da Capadócia ao feitiço: alteridade, poética e religiosidade em *Batuque*”. Trata-se de obra poética de Bruno de Menezes, analisada a partir de uma perspectiva crítico-teórica que aproxima os estudos literários e culturais, em complementaridade com abordagens antropológicas.

O dossiê encerra-se com uma reflexão sobre a diáspora africana em território estadunidense apresentada por Wellington Neves Vieira e Roberto Henrique Seidel em “Topofobia: a representação dos espaços opressivos em *Amada*, de Toni Morrison”. A partir de estudos sobre o conceito-chave que abre o título de seu artigo, os autores discorrem sobre sentidos de opressão e resistência vividos pelas mulheres negras e homens negros nos Estados Unidos do final do século XIX.

Na sessão “vária”, Vanessa Annecchini Schimid e Paulo Roberto Sodr e apresentam o artigo “O vício aristotélico em *A demanda do Santo Graal*”. Na abordagem que desenvolvem, mostram as implicações entre as concepções de ética de Aristóteles e a versão cristianizada do personagem Galvam da referida novela de cavalaria medieval.

Com a publicação deste número da revista Litterata, aprofundam-se, assim, estudos sobre outros saberes e outras perspectivas teóricas que venham a se somar às prerrogativas dos saberes hegemônicos no atual mundo globalizado. Este é, por certo, um desafio sempre atualizado para as agendas críticas que compreendem o fenômeno literário como espaço privilegiado de questionamento do mundo da vida e, desse modo, como caminho de emancipação. A todos e a todas, o convite a esse desafio e votos de ótimas leituras.

O/AS ORGANIZADOR/AS